

PRÉDIOS CERTIFICADOS, ÔNIBUS MOVIDO A ETANOL, CRIANÇAS QUE APRENDEM A PLANTAR E A COLHER NA PRÉ-ESCOLA E OUTRAS EXPERIÊNCIAS QUE PINTAM DE VERDE A ARIDEZ DE SÃO PAULO

plantando o futuro



Em meio ao cinza e à poluição da capital paulista, florescem 50 construções ecológicamente corretas. São prédios erguidos ou reformados seguindo uma série de exigências que, em breve, devem lhes garantir um certificado verde: o Leed (Leadership in Energy and Environmental Design).

Em todo o país, estão em andamento 82 processos –60% deles em terrenos localizados na Grande São Paulo.

É a mesma cidade que há duas semanas figurou apenas na 100ª posição num ranking ambiental da Secretaria do Meio Ambiente do Estado, em um universo de 322 municípios.

Os dois dados mostram o potencial e os desafios de uma metrópole diante da questão da sustentabilidade. “A capital concentra as maiores construtoras, que conhecem os benefí-

cios econômicos de edificações verdes”, afirma Nelson Kawakami, diretor-executivo da Green Building Council Brasil, ONG responsável pela certificação no país. Prédios inteligentes –com sistema de energia alternativa e outras tecnologias limpas– fazem bem ao marketing das empresas. Pontos também para a cidade.

A Revista selecionou oito iniciativas, algumas embrionárias, que revelam o esforço que a metrópole de 11 milhões de habitantes começa a fazer para se tornar um lugar mais habitável e de bem com a natureza.

É um convite para ver o resultado da reciclagem do lixo de megaeventos de música, para plantar esperança em hortas junto com crianças da pré-escola e pegar a linha experimental do ônibus movido a etanol que polui menos.

“São experiências bem-sucedidas que deveriam ganhar escala de política pública”, afirma Oded Grajew, 64, presidente do Conselho Deliberativo do Instituto Ethos e integrante do Movimento Nossa São Paulo. “A cidade precisa de um plano para daqui a 20, 30 e 40 anos.”

A aposta na sustentabilidade ainda é cara. Os resultados, no entanto, a médio e a longo prazo, não deixam dúvidas de que não há melhor investimento do que o feito em qualidade de vida.

Confira nas próximas páginas espaços, experiências e projetos conduzidos por gente que acredita numa metrópole menos árida e mais humana.



HORTA NA ESCOLA

Regador na mão e chapéu de palha na cabeça, Luiza Pereira vai logo avisando: “O que eu mais gosto é de regar as plantas”. Detalhe: a jardineira só tem seis anos. Cuidar da horta do Colégio Jardim São Paulo, no Barro Branco, zona norte, é responsabilidade de 280 crianças com idades entre dois e sete anos.

Alunos do Colégio Jardim São Paulo cultivam e aprendem a comer verduras

São os alunos que fazem o plantio sobre telhas e cultivam salsinha, beterraba, três tipos de alface, manjericão e hortelã. A colheita é programada para antes das férias. Ninguém quer perder o “dia da salada”, quando rapidinho se devora tudo o que foi plantado.

“Se deixar, elas ficam regando o dia inteiro”, conta o técnico agrícola Marcos Victorino, 45, estudante de agronomia na Faculdade Cantareira e especialista em agricultura urbana.

É ele quem coordena a iniciativa, parte do projeto Plantando na Cidade, cujo objetivo é criar novas tecnologias para fazer hortas nos centros urbanos. Os resultados se notam na dieta e

no comportamento. “Eles chegam aqui como um furacão e voltam para a aula concentrados”, afirma Marcos.

Além do cultivo coletivo, os alunos produzem mini-hortas dentro de um lavador de arroz. Quando os pés de alface estão prontos para serem consumidos, seus donos o levam para a refeição em família. “Os pais já perceberam mudanças nos hábitos alimentares das crianças”, diz o técnico agrícola.

A única parte que compromete o lado sustentável da história é o uso descontrolado de água. “Gastamos mais porque todas as crianças querem regar”, explica Marcos. “Molhar a horta é um prêmio para elas.”

>>